



Da tradição ao contemporâneo: mudanças no patrimônio cultural de Barbalha-CE

Thaís Pereira da Silva¹

Resumo: Aborda as inserções realizadas nos últimos vinte anos na festa de Santo Antônio, na cidade de Barbalha, interior do estado do Ceará. Esse festejo passou por mudanças, e a principal delas é a sua estrutura, a princípio de base religiosa para sacro-profana, devido aos elementos sociais inseridos. Atualmente, é registrada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como patrimônio cultural brasileiro e pela Secretaria de Cultura do Ceará como patrimônio cultural do estado. O estudo é de caráter exploratório, e de revisão bibliográfica. Para contextualização do tema, utilizamos aporte teórico derivado da Museologia e da Antropologia, abordando brevemente noções sobre patrimônio imaterial e festas populares, como também a tradição e modernização nas manifestações populares. Conclui-se que a maior parte dos elementos inseridos são formas de promover o aspecto turístico, econômico e social no festejo, exceto a marcha dos grupos de militantes feministas da região.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural Imaterial; Festa de Santo Antônio; Festas Populares.

From tradition to the contemporary: changes in the cultural heritage of Barbalha-CE

Abstract: It addresses the insertions made in the last twenty years at the Santo Antônio festival, in the city of Barbalha, in the interior of the state of Ceará. This celebration has undergone changes, and the main one is its formation, from a religious to a sacred basis, due to the social elements inserted. It is currently registered by the National Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN) as a Brazilian cultural heritage and by the Ceará Secretariat of Culture as a state cultural heritage. The study is exploratory and bibliographical review. To contextualize the theme, we used a theoretical approach derived from Museology and Anthropology, briefly addressing notions of intangible heritage and popular festivals, as well as tradition and modernization in popular manifestations. It is concluded that most of the elements inserted are ways to promote the tourist, economic and social aspect of the celebration, except for the march of groups of feminist activists in the region.

Keywords: Intangible Cultural Heritage; St. Anthony Feast; Popular Parties.

Introdução

Os festejos dedicados a Santo Antônio, na cidade de Barbalha, localizada no interior do Ceará, tem o seu marco inicial com o carregamento do Pau da Bandeira, no qual é caracterizado pelo seu ritual de sacrifício de transporte de um grande mastro pelas ruas da cidade. Dando início aos festejos juninos da região, a celebração tem por objetivo homenagear o santo católico e padroeiro da cidade, Santo Antônio. A festa foi registrada como patrimônio cultural imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 2015, e mais recentemente registrada como patrimônio cultural imaterial do Ceará pelo Governo do Estado em 2018 na categoria Celebrações.

¹ Mestrado em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (Bolsista FAPESB). Graduada em Biblioteconomia (2015) pela Universidade Federal do Cariri (UFCA).

No início, a festa continha elementos apenas sagrados, e ao longo dos anos foi incorporando elementos considerados profanos, carnavalescos e de apelo turístico e comercial. Como boa parte das festas populares do nosso país, ela transita entre o sagrado e o profano (Amaral, 1998). É a partir dessas mudanças e incorporações que surge o seguinte problema de pesquisa: Como a população se apropriou do espaço festivo para incorporar novos elementos no festejo?

Com o intuito de responder a essa questão, o estudo tem como objetivo: identificar como o festejo passou a incorporar esses elementos de caráter social/profano, procurando elencar todas as alterações inseridas a partir dos anos 1940, segundo a cronologia apontada por Souza (2000), mas com enfoque na fase considerada atual, visto que após esse ano, novos elementos passaram a fazer parte do festejo.

Nossa pesquisa² é de caráter exploratório e de cunho qualitativo, abordando as principais inserções realizadas no festejo. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica, através da leitura de teses, livros, dossiês, artigos e matérias jornalísticas. Para contextualização do tema, utilizamos aporte teórico derivado da Museologia e da Antropologia, abordando, brevemente, noções sobre patrimônio imaterial e festas populares, como também a tradição e modernização nas manifestações populares.

As festas populares como patrimônio cultural brasileiro

O termo patrimônio vem do latim *pater*, que significa pai. Inicialmente, o termo pode nos remeter a um bem de valor, seja ele monetário ou simbólico, associado de forma recorrente à herança, de tal modo que sua sucessão passa de pais para filhos em âmbito privado. A concepção do patrimônio como bem associado aos cidadãos, como um bem público, surge com a Revolução Francesa: “Foi apenas a partir do ideário desencadeado pela Revolução Francesa que o significado de patrimônio se estendeu do privado, dos bens de uma pessoa ou de um grupo de pessoas –a nobreza-, para o conjunto de cidadãos” (ABREU, 2009, p. 35). Deste modo, o patrimônio passa a ter a concepção de um bem comum coletivo, associado a um sentimento de nacionalismo, de pertencimento coletivo.

Mediante a variedade de categorias para definir os diversos tipos de patrimônio, e a constante atualização do próprio termo, abordaremos neste trabalho o patrimônio cultural, mais especificamente o de ordem imaterial/intangível. O autor Gonçalves (2007, p. 111) define o termo: “lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas etc. Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspectos materiais e mais nos aspectos ideais e valorativos dessas formas de vida.”

Na publicação, *Qu'est-ce que le patrimoine culturel immatériel?*, da UNESCO (2011), os patrimônios culturais imateriais são as tradições ou as expressões herdadas. Ainda segundo o material da UNESCO, esse tipo de patrimônio é um fator importante na manutenção da diversidade cultural em face da globalização crescente, e isso é útil para o encorajamento dos diferentes modos de vida num diálogo intercultural. A definição do termo resume-se em quatro termos: ao mesmo tempo é tradicional, contemporâneo e vivo; é inclusivo; é representativo; e é de base comunitária (UNESCO, 2011).

2 Este artigo é um recorte de nossa dissertação já concluída em museologia, a respeito do festejo de Santo Antônio, na cidade de Barbalha.

Portanto, o patrimônio cultural é tradicional, pois se trata de expressões herdadas de geração em geração, mas também vivo e contemporâneo, pois a cultura é algo dinâmico. Sobre este último, Castriota (2003, p. 22) afirma que “não haveria, assim, uma cultura estática, e o próprio processo de transmissão incorporaria possibilidades de mudanças, através das quais as culturas se mantêm flexíveis e podem absorver as inevitáveis variações trazidas pelo tempo.” É inclusivo, pois muitas expressões artísticas e culturais são inseridas em muitas comunidades a partir de processos de hibridismo. É representativo, pois se desenvolve nas comunidades e depende daqueles que transmitem o saber fazer para sua perpetuação. É de base comunitária, uma vez que é considerado patrimônio o que a comunidade e/ou indivíduos reconhecem como tal (UNESCO, 2011).

Assim, as festas estão dentro da categoria do patrimônio cultural imaterial. Elas são espaços onde geralmente a sociedade se utiliza do divertimento, a fim de liberar tensões acumuladas no cotidiano, na rotina e no trabalho. Podem ser assim consideradas como momentos de “fuga da realidade”, uma forma de lazer, de diversão e/ou maneiras de celebrar o sagrado, de socializar, sendo assim um fenômeno social. Dado as diversidades de elementos, tais como a religião, a cultura, símbolos, identidades individuais e coletivas, todos estes aspectos associados compõem esse fenômeno social de lazer e entretenimento. Amaral (1998) traz sua contribuição sobre festas afirmando que:

A grande maioria delas permanece sendo de caráter religioso, embora também mantenha aspectos bastante secularizados, que chegam a criar conflitos com a igreja, pois muitas vezes a participação popular se dá mais pelo aspecto turístico, do divertimento e alegria, do que pelo aspecto religioso propriamente dito do evento. Além disso, disputas pelo controle político e econômico da festa também são frequentes (AMARAL, 1998, p. 36).

Desse modo, esta autora nos traz contribuições a partir desse pensamento: a Festa do Pau da Bandeira em grande parte é de caráter religioso, mas ao mesmo tempo ganhou, ao longo dos anos, elementos descontraídos, de cunho turístico, uma mistura de sagrado e profano.

Do tradicional ao contemporâneo

As festas juninas têm suas origens nas culturas pagãs, e foram posteriormente incorporadas pelo cristianismo. Elas são realizadas em comemoração a santos como Santo Antônio, São João e São Pedro. No Nordeste, elas estão diretamente vinculadas ao início da colheita do milho. Toda a culinária nessa época deriva, inclusive, desse alimento (CNFCP, 2004).

Os festejos realizados em homenagem a Santo Antônio, em Barbalha, têm como marco inicial o dia do Pau da Bandeira, no qual é feito o corte de uma árvore, cujo tronco deverá ser transportado pelos “carregadores do pau” em um percurso pelas principais ruas da cidade até a igreja matriz. É importante ressaltarmos que apenas os homens da comunidade podem fazer o corte e o percurso que compreende os trechos do sítio São Joaquim, na zona rural, até a praça da igreja matriz da cidade. Assim, cerca de duzentos e cinquenta carregadores percorrem as principais ruas da cidade com o mastro, com alguns intervalos de descanso, jogando o mastro no chão diversas vezes ao longo do trajeto. A data do Pau da Bandeira é relativamente móvel, podendo ocorrer no último domingo do mês de maio ou no primeiro domingo de junho. As comemorações religiosas também comportam a trezena na igreja matriz, a missa de encerramento e posteriormente a procissão com a imagem do santo no dia 13 de junho, dia do santo padroeiro.

Para melhor compreender a festa de Santo Antônio, repartimos a discussão com base em Souza (2000) e na sua cronologia das três importantes fases que definem as mudanças e os elementos incorporados ao longo do tempo, que são: a) Início; b) Mudanças, incorporações e consolidação; e c) Fase atual. Segundo este autor, não existe registro oficial que informe, com precisão, sobre o primeiro cortejo do Pau da Bandeira, mas através da memória oral local existem duas versões de inauguração: na primeira, a festa teria sido realizada no último quartel do século XIX, e, na segunda, em 1928, no primeiro ano do Padre José Correia Lima na paróquia de Santo Antônio (SOUZA, 2000).

A primeira fase é de constituição da festa, embora o carregamento do mastro só tenha sido incluído oficialmente nos registros da paróquia em 1972, pois havia resistência da igreja católica em incluir o carregamento do mastro como parte dos festejos de Santo Antônio, visto que o ritual de carregá-lo, e hastear nele a bandeira do santo foi de iniciativa da população, ou seja, era uma prática do catolicismo popular³ e diferia do processo de romanização⁴ que a igreja passava na época. Entre os períodos de 1928 a 1971, a igreja de Barbalha não reconhecia oficialmente em seus registros o cortejo do Pau da Bandeira (SOUZA, 2000).

A segunda fase compreende as mudanças, incorporações e consolidação. Ela é percebida após 1940, quando a festa ganha um aspecto turístico. Segundo o dossiê de registro do IPHAN (2015), ela ganhou notoriedade após a crise na produção de cana de açúcar na cidade, até então a sua principal fonte econômica.

Na segunda metade do século XX, o principal ramo da economia de Barbalha – produção e comércio de açúcar e rapadura – entrou em crise. Uma série de medidas, portanto, foram concebidas e encaminhadas a fim de permitir que outras atividades pudessem ocupar a centralidade e relevância econômica dos engenhos barbalhenses de outros tempos. A Festa de Santo Antônio, em Barbalha, tornou-se uma possibilidade plausível, implicando o início da exploração referente ao potencial turístico dos festejos dedicados a Santo Antônio de Pádua. A partir desse novo sentido atribuído à festa, houve uma série de mudanças em sua configuração (IPHAN, 2015, p. 59).

O potencial turístico mencionado é proveniente de alguns elementos incorporados como, por exemplo, o crescente consumo de cachaça pela população e pelos próprios carregadores nos dias que compreendem o corte do tronco, e no dia do carregamento. Isso é reforçado por meio de uma “brincadeira” que acontece através de uma distribuição gratuita de cachaça que vai à frente do cortejo do mastro, por uma carroça denominada “cachaça do Sr. Vigário”, carregando tambores da bebida, ofertando para todos que quiserem consumir.

Outra inserção que foi incorporada por volta dos anos 1973, segundo a literatura, e que perdura até hoje no festejo, foi o desfile de folguedos. Esse momento é descrito pelo historiador Souza como *folclorização*. Ele ocorre no período da manhã, logo após a missa de abertura realizada na igreja matriz.

Saindo das imediações da praça da Igreja Matriz de Santo Antônio, a bandeira do santo é levada à frente, e autoridades locais vão atrás, em direção ao palco montado nas imediações da igreja de Nossa

3 Segundo o Tesouro da Cultura Popular (2004) este termo se refere ao sistema de crença cujo núcleo estruturante é a relação estabelecida entre o crente e o santos padroeiros, reconhecidos ou não pela Igreja, mediante promessas, devoções, romarias e procissões. Abrange um conjunto de interpretações e práticas que extrapolam o catolicismo oficial.

4 O autor Maués (1995) explica que esse foi o período de reforma da Igreja Católica, que objetivava combater as práticas de catolicismo popular no Brasil fazendo com que as instituições eclesiais brasileiras entrassem em sintonia com as diretrizes da Santa Sé.

Senhora do Rosário, e segue pela principal rua do centro, a do Vidéo. O desfile é composto por grupos de penitentes, vaqueiros, grupos de tradição cultural da região, que são: os reisados, as bandas cabaçais, os grupos performáticos, os grupos de dança, e por fim, grupos de estudantes da rede municipal de educação fazendo representações de vários desses grupos, como por exemplo, quadrilha junina e o “pau mirim”.

A inserção desse desfile na festa teve forte influência da Comissão Cearense de Folclore (CCF), nas décadas de 1960 e 1970, influenciada pelo movimento dos estudos folclóricos denominado de Campanha Nacional do Folclore. Sobre este último, Martha Abreu (2003) diz que:

Os folcloristas, também no Brasil, buscaram o “outro”, mas o “outro” dentro do próprio país, antes que, na sua concepção, ele desaparecesse pelos inevitáveis impulsos da urbanização e modernização. Valorizaram os registros obtidos a partir da cultura rural oral de seus informantes, e defenderam a concepção de que inexistiam autores entre as manifestações populares. Ambas as perspectivas eram importantes para a construção de seus veredictos sobre a autenticidade do que definiam como cultura popular (posto que reprodutora de tradições de tempos imemoriais). A autenticidade da cultura popular era fundamental para que pudesse legitimar a expressão da verdadeira singularidade nacional (ABREU, 2003, p. 5).

Esse processo de inserção dos grupos culturais, o que hoje já é considerado tradição, vai de encontro ao conceito abordado por Hobsbawn (1997), sobre as *invenções das tradições*: [...] é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas imposição da repetição” (HOBSBAWN, 1997, p. 12). Portanto, o desfile de folguedos confere ao festejo aspectos artístico-culturais inseridos por dois motivos, o primeiro pela influência do ‘resgate do folclore’, e o segundo pela oportunidade de atrair turistas para o festejo, visto que a principal atividade econômica da cidade entrava em crise.

A terceira fase apontada por Souza como atual, remete aos anos 1998, fase em que o seu trabalho foi escrito. Nesse período, o festejo já contava com uma programação social regular, como as quermesses, leilões, desfile de folguedos e programação musical no parque de eventos da cidade. Nossa contribuição é apresentar as inserções realizadas entre os anos 2000 até 2020, serão elencados os quatro eventos ou ferramentas inseridas no festejo.

A primeira inserção que apresentamos é o evento denominado “noite das solteironas”, introduzida no ano de 2002. Esse evento acontece na noite de sábado, no dia anterior ao cortejo do Pau da Bandeira, também conhecido como “pré-pau”. Ele estampa as matérias jornalísticas locais como tradicionais, e é pouco explorado na literatura bibliográfica sobre a festa, possivelmente por ser também uma *tradição inventada* pela elite local. Nesse sentido, as tradições inventadas incluem tanto as “[...] realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo” (HOBSBAWN, 1997, p. 9). Idealizado por Socorro Luna, que se auto atribui ser “a solteirona mais famosa do Brasil”, segundo a reportagem do Diário do Nordeste (2018), o evento conta com shows musicais e kits de rituais comercializados por Socorro para os que desejam encontrar um parceiro(a) amoroso(a). O evento conta com o apoio da Prefeitura de Barbalha e acontece nas imediações da Igreja Matriz de Santo Antônio.

Esta inserção é fundamentada em uma suposta fama de casamenteiro, disseminada no imaginário popular como um santo a quem as pessoas recorriam para fazer promessas de conseguir um companheiro(a) afetivo. Vainfas (2003, p. 30) diz:

No início da Época Moderna, a face doméstica e afetiva de Santo Antônio se concentraria, no âmbito do catolicismo popular, em sua virtude de “casamenteiro”, de santo promotor de matrimônios. “Casai-me Santo Antônio, Casai-me!”, eis o que aparece em várias orações.

As pessoas recorrem a simpatias, como, por exemplo, no cortejo do Pau da Bandeira, quando, nos momentos de descanso dos carregadores, quando o mastro é lançado no chão, homens, mas na maioria mulheres, tocam no mastro, sentam-se, fazem fotografias, tiram lascas para fazer chás, com o intuito de recorrer encontrar um companheiro(a).

Ainda a respeito desse imaginário de santo casamenteiro, mais um evento é inserido, dessa vez com título de “O casamento das noivas de Santo Antônio”. Ele teve sua primeira edição no ano de 2017. Resulta da parceria da Prefeitura da cidade com a Escola de Saberes de Barbalha (ESBA) e a Paróquia de Santo Antônio, juntamente com alguns comerciantes da que apoiam as celebrações, fornecendo produtos e serviços. O intuito é oferecer um casamento coletivo para os casais que não têm condições de arcar com os custos da celebração. É realizada uma seleção e alguns casais são presenteados com a realização de uma cerimônia de casamento, realizada na Igreja Matriz com recepção na Escola de Saberes, onde ocorre uma confraternização dos noivos com seus parentes e familiares. Esse projeto foi inspirado num evento realizado pela Câmara Municipal e pela Igreja Católica de Lisboa, atrelado aos festejos de Santo Antônio, no mês de junho. Esse tornou-se um atrativo turístico difundido por rede televisiva da Europa, abrangendo Portugal (ESBA, 2017).

O casamento coletivo possui semelhanças com o evento da noite das solteironas, por dois fatores, o primeiro, quanto ao imaginário de que Santo Antônio intercede pelas pessoas em relação ao matrimônio, e o segundo, mesmo sendo um evento com o fornecimento de uma cerimônia matrimonial, há um certo apelo social, pois como relatado pela ESBA, o evento que é realizado em Lisboa, foi utilizado de inspiração para reprodução em Barbalha. A seguir, dispomos duas Figuras (1 e 2) relativas às duas inserções mencionadas anteriormente, a primeira se trata de um pequeno cenário com pessoas ao redor da Socorro Luna. A segunda, se trata da cerimônia do casamento coletivo na Igreja de Santo Antônio com alguns casais.

Figura 1. Noite das Solteironas (esquerda) e Casamento Coletivo (direita).



Fonte: Toni Sousa (2019) e George Wilson (2018).

Em outra perspectiva, uma intervenção em forma de passeata passa a ser realizada no dia do carregamento. Grupos militantes dos movimentos feministas da região, especialmente o coletivo que atualmente é denominado Frente de Mulheres dos Movimentos do Cariri, marcham durante o festejo, no período da manhã, logo atrás do cortejo das apresentações culturais. Esse movimento de contraposição ao machismo não é sem razão. No Ceará, notadamente no Cariri, são altos os números de casos de violência contra mulheres e mesmo de feminicídios. Segundo os dados estatísticos do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE, a taxa de mortalidade por agressões aumentou em 71% de 2016 para 2017, ocupando o 4º lugar no ranking das Unidades Federadas em 2017 (IPECE, 2019).

Em relação ao primeiro ato de protesto feminista na Festa do Pau da Bandeira, realizado no ano de 2012 e no início do coletivo Frente de Mulheres, a autora Soares (2017, p. 5)) aborda que:

“[...] com objetivo de denunciar o caráter falocêntrico de tal espaço e as repercussões da cultura patriarcal para a vida das mulheres. Fundamentalmente reivindicava a possibilidade de recusa aos modelos patriarcais de matrimônio e maternidade, reafirmados pelos festejos populares de Santo Antônio, bem como inscrevia nos corpos a possibilidade de controle e autonomia sobre o corpo e conclamava as mulheres a construir o feminismo na região. Segue as características internacionais de estruturação das marchas: criação de um evento em uma rede social para mobilização das participantes, espontaneísmo nas ações, presença majoritária de mulheres jovens e ausência de articulação com movimentos sociais e partidos políticos da região”.

Hoje, o coletivo é mais amplo, inclusive agregando as pautas do racismo e da diversidade sexual. Essa formação atual possibilita a agregação de coletivos, associações e entidades que têm como objetivo principal “[...] focar na construção da unidade nas lutas contra a exploração/opressão de classe, gênero, raça e orientação sexual na região.” (SOARES, 2017, p. 7). As intervenções são realizadas para dialogar com a população, a fim de expor e reivindicar políticas públicas e justiça sobre os altos índices de violência doméstica e assassinatos contra mulheres e homossexuais, travestis e transexuais no estado do Ceará e na região, uma vez que uma das propostas da festa e da simbologia da mesma é que as mulheres encontrem um parceiro recorrendo aos “rituais” feitos ao santo, possibilitando, assim, uma reflexão a respeito do patriarcado, do conservadorismo e de que tipos de parceiros essas mulheres encontram para se relacionar. Panfletos são distribuídos, palavras de ordem são verbalizadas, e cartazes e faixas são expostos, a fim de produzir uma consciência sobre a igualdade de gênero e tentar impedir a violência contra as mulheres, pois são frequentes os casos de assassinatos dessas por seus ex-companheiros.

Nesse caso, a participação e apropriação do espaço festivo se fizeram numa perspectiva política, por meio da mobilização popular dos manifestantes que, diante da visão idealizada do casamento e as suas contradições, especialmente em relação a práticas patriarcalistas, marcham no intuito de contrapor um dos principais apelos promovidos no festejo, que é a busca pelo matrimônio, através da intercessão de Santo Antônio. A seguir, dispomos, na Figura 2, duas imagens: a primeira se refere às passeatas/intervenções do grupo Frente de Mulheres do Cariri na manifestação, na qual algumas mulheres estão carregando uma das faixas utilizadas, e rogam para santo Antônio livrar as mulheres da violência de gênero; na segunda, apresentamos o layout do aplicativo Festa de Santo Antônio.

Figura 2. Manifestantes do Coletivo Frente de Mulheres do Cariri (esquerda) e layout do aplicativo Festa de Santo Antônio (direita).



Fonte: Autoria própria (2018) e Google Play (2019).

Por último, em 2015, uma ferramenta de acesso à informação foi criada por dois amigos. Um aplicativo para *smartphones*, de uso gratuito, que visa a facilitar e melhorar a interação dos participantes no festejo. Chamado Festa de Santo Antônio, foi desenvolvido pelo designer Rui Patrício e o analista de sistemas Charllison Policarpo. A partir deste, é possível encontrar informações a respeito da festa, da cidade, da programação e acompanhar o cortejo até o hasteamento do mastro em tempo real. Na matéria jornalística realizada pelo G1 (2015) os criadores informam que a ideia surgiu, movida pela tendência atual de criação de aplicativos aliado ao desejo de divulgação da festa de forma inovadora. O aplicativo conta, ainda, com indicações de locais para hospedagem em hotéis e pousadas na aba “onde ficar”, bem como com indicações de restaurantes na aba “onde comer”, além de possuir a programação completa das atrações musicais do Pau da Bandeira, como das trezenas, missas e programação musical do parque de eventos da cidade.

Um exemplo de aplicativo, no âmbito do patrimônio cultural é o “KD a Berlinda?”, com proposta semelhante ao Festa de Santo Antônio, pois, dentre as suas funções contém um GPS que acompanha em tempo real a localização exata do objeto de devoção, neste caso o objeto é a procissão do Círio de Nazaré, na cidade de Belém, no Pará.

Consideramos que o aplicativo Festa de Santo Antônio é inserido no festejo não como um evento, mas como uma ferramenta que acompanha as tendências atuais de informação e entretenimento e, com ela, se cria uma forma de interação com o festejo como uma espécie de *hibridização*. Sobre isso Canclini (1997, p. XIX) diz que: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Geralmente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva, buscando-se transformar um patrimônio para inseri-lo em novas condições de produção e mercado.

Dessa forma, o aplicativo contribui para uma modernização do festejo suprimindo uma demanda atual de acesso à informação para os participantes e, ao mesmo tempo, colabora com a divulgação do comércio local. Essa modernização nas festas populares é influenciada pelo capitalismo, e por uma tendência no consumo e aumento do comércio, como afirma o autor Brandão (2015, p. 16):

O capitalismo e suas atividades comerciais se inserem nas festas visando comercializar bens e serviços. Todavia, verifica-se que as relações de trocas econômicas destoam o sentido primordial de boa parte das festas populares que tem um elemento sagrado como eixo central da manifestação e, portanto, são consideradas manifestações sagradas ou sacro-profanas.

No caso da festa de Santo Antônio em Barbalha, é possível verificar a transição de uma festa religiosa para sacro-profana com a inserção dos elementos sociais e profanos, caracterizados principalmente pelo consumo de cachaça, o desfile de folguedos, os shows musicais, e mais recentemente a noite das solteironas, e o próprio aplicativo Festa de Santo Antônio, motivadas pelo apelo turístico e comercial para o festejo.

O Quadro 1 a seguir sintetiza os elementos incorporados na manifestação em ordem cronológica, a partir da década de 2000, com base no que foi exposto acima.

Quadro 1. Ordem cronológica dos novos elementos inseridos na Festa de Santo Antônio de Barbalha (CE).

Fase atual	
2002	Noite das solteironas
2012	Marcha Frente de Mulheres do Cariri
2015	Aplicativo Festa de Santo Antônio
2017	Casamento das noivas de Santo Antônio

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Considerações Finais

Procuramos traçar de forma breve, alguns conceitos sobre patrimônio cultural imaterial e sobre festas populares e discorreremos sobre as inserções realizadas na manifestação de Santo Antônio, em Barbalha, no Ceará.

Em princípio, a festa era realizada com propósitos apenas religioso, com base no catolicismo popular, com a realização do corte e cortejo do mastro para homenagear o santo padroeiro, e ao longo das décadas foi incorporando aspectos sociais/profanos incluídos por iniciativas políticas e popular, como no caso do desfile de folguedos, que teve como os principais motivos, a crise econômica da cidade pela atividade canavieira, e os estudos folclóricos da época, caracterizando-o como uma tradição inventada na manifestação. E, por volta dos anos 2000, os eventos e novidades incorporadas são: a noite das solteironas, a marcha do coletivo Frente de Mulheres do Cariri, o aplicativo Festa de Santo Antônio e o casamento coletivo das noivas de Santo Antônio.

A população se apropriou do espaço festivo para incorporar suas demandas sociais, ritualísticas, políticas e de modernização. Com o apoio e fomento da gestão municipal, como no caso da noite das solteironas, o casamento coletivo e o aplicativo Festa de Santo Antônio. Foi constatado que esses três desses elementos incorporados, foram motivados, dentre outras coisas, pelo apelo turístico e comercial para o festejo.

Mas, além disso, a participação e a apropriação do espaço festivo também se fizeram numa perspectiva diferente dos demais, por meio da mobilização popular, que é o caso da marcha do coletivo Frente de Mulheres do Cariri.

As análises apontam que as festas populares como representações culturais estão em transformações constantes, visto que a cultura é uma manifestação viva e dinâmica, e que aspectos de modernidade são influenciados por demandas comerciais e de consumo, mas também de mobilização popular. Diante dessa discussão, esperamos que essa pesquisa traga novas contribuições e inspire novos trabalhos a respeito do tema da memória, da tradição e dos elementos atuais inseridos no festejo.

Referências

- ABREU, M. Cultura popular, um conceito e várias histórias. In: Abreu, Martha e Soihet, R. **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- ABREU, R. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio ensaios contemporâneos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 34-48.
- AMARAL, R. de C. de M. P. Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”. **Tese** (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- BARBALHA, Escola de Saberes de. **As noivas de santo Antônio de Barbalha**. Barbalha, 29 maio., 2017. Facebook: Escola de Saberes de Barbalha. Disponível em: <https://www.facebook.com/escoladesaberesdebarbalha/posts/693440430841112/>. Acesso em: 23 abril. 2021.
- BRANDÃO, C. R.; MARQUES, L. M. **As festas populares como objeto de estudo**: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. **Ateliê Geográfico**. Goiânia. v. 9. n. 3. p. 7-26. 2015.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CASTRIOTA, L. **Patrimônio Cultural**: Conceitos, políticas e instrumentos. São Paulo: Anablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.
- CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira. Rio de Janeiro: IPHAN/MinC. 2004. 1 CD. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/>.
- GONÇALVES, J. R. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro, 2007. Coleção Museu, memória e cidadania.
- HOBBSAWM, Eric J., Introdução: A invenção das tradições. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamento Crítico).
- HOLANDA, Marina. Aplicativo rastreia Pau da Bandeira na festa de Sto. Antônio, em Barbalha. **G1 CE**. Fortaleza. 28 maio 2015. Disponível em: <http://glo.bo/1HOC3Uu>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- IPHAN. **Dossiê de Registro**: Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha. Fortaleza: Ministério da Cultura, 2015. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_festa_pau_da_bandeira_santo_ant%C3%B4nio_barbalha.pdf.

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. 2019. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2019/10/EnfoqueEconomicoN210_01_09_2019.pdf. Acesso em: 23 abril. 2021.

MAUÉS, R. H. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico** – um estudo antropológico no interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.

RODRIGUES, A. Devoção ao Santo casamenteiro reinventa costumes em Barbalha. **Diário do Nordeste**. 26 de maio 2018. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/devocao-ao-santo-casamenteiro-reinventa-costumes-em-barbalha-1.1944399>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SOUZA, O. T. **A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha: entre o controle e a autonomia**. Dissertação (Mestrado em história) Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fortaleza, 2000.

SOARES, S. R. A experiência militante da frente de mulheres dos movimentos do Cariri: as vozes que se insurgiram em um Cariri que odeia as mulheres. **Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Evento realizado no período de 30 de julho a 04 de agosto de 2017. ISSN 2179-510X. Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares#A>.

VAINFAS, R. Santo Antônio na América Portuguesa: religiosidade e política. **Revista USP**, São Paulo, n 57, p. 28-37, março/maio 2003.

UNESCO. **Qu'est-ce que le patrimoine culturel immatériel?**. Paris, 2011. Disponível em: <https://ich.unesco.org/fr/qu-est-ce-que-le-patrimoine-culturel-immatriel-00003>. Acesso em: 23 abril. 2021.

Submetido em: 14.07.2021

Aceito em: 15.12.2021